

1 Introdução

Como anuncia o título, o presente trabalho é um estudo a partir de *Ser e tempo*, de Martin Heidegger, obra fundamental de seu pensamento¹. Mais especificamente, envolvendo a primeira seção desta, denominada “Análise preparatória dos fundamentos do *Dasein*”. Abordamos temas desta seção para pensar uma expressão presente no § 14 da mesma obra: a desmundanização do mundo.

Segundo Heidegger, na ontologia tradicional (o modo como ele denomina todo o empenho da tradição filosófica), há uma desconsideração do fenômeno do mundo². Sem entrar, por enquanto, nos detalhes dessa “acusação”, adiantamos que, em *Ser e tempo*, o percurso da filosofia historicamente dada é, em breves palavras, o esquecimento da pergunta pelo ser³, que envolve o esquecimento de uma devida noção de mundo: para Heidegger, na ontologia da tradição há uma desmundanização do mundo. Interessa-nos pensar, sobretudo, o sentido dessa expressão, mais especificamente, o termo *desmundanização*, que indica, a princípio, uma ausência, uma falta, uma desconsideração do mundo.

A inquietação se concentra nisso, nessa falta, ausência ou desconsideração. Nas palavras de Heidegger, a tradição “saltou por cima” da mundanidade do mundo. Procuraremos, a princípio, esclarecer o motivo desse salto, perguntando-nos: de que maneira esse “salto por cima” se relaciona com alguns temas apresentados na primeira seção de *Ser e tempo*? De que maneira estes temas nos auxiliam na pesquisa sobre o motivo deste salto, da desconsideração do mundo por parte da ontologia tradicional?

Denominada de “Análise preparatória dos fundamentos do *Dasein*”, Heidegger aborda nesta seção o ente privilegiado na investigação do sentido de ser, o *Dasein*⁴, “o ente que nós mesmos somos”⁵, que em sua essência relaciona-se com

¹ Segundo Günter Figal, “mesmo embora alguns manuscritos bastante abrangentes da obra póstuma de Heidegger ainda não tenham sido publicados até agora, pode-se considerar essa obra (*Ser e tempo*), sem dúvida alguma, com razão, seu texto fundamental; a compreensão de seus escritos posteriores é em muito impossível se não conseguimos tornar claros para nós anteriormente o curso de pensamento e as teses centrais de *ST*” (FIGAL, G. *Martin Heidegger: fenomenologia da liberdade*, p. 21, parêntesis nosso).

² Cf. HEIDEGGER, *Ser e tempo*, p. 113, [65].

³ Cf. *Ser e tempo*, p. 37, [2].

⁴ Optei por não usar tradução alguma para o termo *Dasein*, acompanhando Françoise Dastur (Cf. DASTUR, F. *Heidegger e a questão do tempo*, p. 10), atualmente uma indispensável referência

o ser, com o mundo, o ente que é fundamentalmente *ser-no-mundo*⁶. Todo o percurso de Heidegger nessa seção caminha para uma fundamentação do modo de ser desse ente que compreende o ser, que existe no mundo. No § 34, procurando elucidar a relação cotidiana do *Dasein* com os entes, ele diz:

“Em primeiro lugar”, nunca escutamos ruídos e complexos acústicos. Escutamos o carro rangendo, a motocicleta. Escuta-se a coluna marchando, o vento do Norte, o pica-pau batendo, o fogo crepitando. Somente numa atitude artificial e complexa que se pode “escutar” um “ruído puro”. Que escutamos primeiramente motocicletas e carros, isso constitui, porém, um testemunho fenomenal de que o *Dasein*, enquanto ser-no-mundo, já sempre se detém *junto* ao que está à mão dentro do mundo e nunca junto a “sensações”, cujo turbilhão tivesse de ser primeiro formado para propiciar o trampolim de onde o sujeito pudesse saltar para finalmente alcançar o ‘mundo’. Sendo, em sua essência, compreensivo, o *Dasein* está, desde o início, junto ao que ele compreende.⁷

Nessa abordagem, Heidegger preza, “em primeiro lugar”, essa incontornável e espontânea relação com as coisas que acompanha o *Dasein*. E assim o faz justamente para colocar em questão, sob suspeita, uma noção de mundo, da totalidade das coisas, orientadora de todo o percurso da filosofia: o mundo como algo a ser conhecido, alçado. Na tentativa de saltar para o ‘mundo’, diria Heidegger, a ontologia tradicional já saltou por cima do mundo, concebendo o ente que somos como um sujeito desprovido de uma relação com as coisas, que primeiramente recebe “sensações” decodificáveis, cognoscíveis. Em *Ser e tempo*, o conhecimento já é de saída um modo de ser-no-mundo, de ser junto às coisas, por mais que estas pareçam distantes na visão cognitiva e observadora do ente.

É exatamente neste contexto que a expressão “desmundanização do mundo” se insere. Para Heidegger, a primazia do conhecimento no modo de relação com o ente impede a abordagem deste em sua íntima relação com o ser, ou, ao estabelecer o conhecimento como elo fundamental entre sujeito e objeto, a ontologia tradicional desconsiderou o modo de ser cotidiano de se relacionar com

para o estudo de Heidegger. Não deixo de mencionar, contudo, que uma afirmação presente na apresentação da edição brasileira, traduzida por Márcia Sá Cavalcanti Shuback, por vezes me alcança: “nessa longa discussão, procurei mostrar que não traduzir *Dasein* é deixar intocada a questão crucial da filosofia de Heidegger” (SCHUBACK, M. S. C. A perplexidade da presença. In: HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*, p. 31).

⁵ Expressão recorrente em *Ser e tempo* que pretende reforçar a essencial relação com o ser que a cada vez acompanha o *Dasein*: “o ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser desse ente é sempre a cada vez *meu*. Em seu ser, isto é, sendo, este ente se relaciona com seu ser” (*Ser e tempo*, p. 85, [42]).

⁶ Ver o segundo capítulo da primeira seção de *Ser e tempo*.

⁷ *Ser e tempo*, p. 226, [163-164].

os entes, e nessa desconsideração descortina equivocadamente a essência do “ente que nós mesmos somos” e de sua relação com o mundo.

Nosso intuito, contudo, não é simplesmente afirmar, a partir de Heidegger, um desvio cometido repetidamente durante o percurso de toda a filosofia. Este trabalho não pretende ser uma espécie de “denúncia heideggeriana” da dicotomia sujeito x objeto orientadora de toda a ontologia tradicional. Tampouco pretendemos somar forças a uma posição de Heidegger a respeito de nossa relação com o mundo, baseada em nossa lida mais comum e corriqueira com as coisas. Pretendemos, antes, traçar uma investigação no mesmo sentido da pergunta presente no § 21 de *Ser e tempo*, “por que, no início da tradição filosófica, para nós decisiva, – explicitamente desde Parmênides – saltou-se por cima do fenômeno do mundo? De onde provém o contínuo retorno desse saltar por cima [*Überspringens*]?”⁸. Veremos que, segundo Heidegger, esse salto por cima se funda num modo de ser essencial do *Dasein*, no próprio ser-no-mundo, ser junto às coisas e ser com os outros. Para ele, é justamente por conta de um modo de ser que atravessa todo e qualquer empenho do *Dasein* no mundo, inclusive o empenho filosófico⁹, que a tradição da filosofia desde sempre desconsiderou o fenômeno do mundo, concebendo o ser do *Dasein* e sua relação com as coisas como um encontro entre sujeito e objeto mediado pelo conhecimento. Neste sentido, é possível afirmar que em *Ser e tempo* a tradição filosófica é o empenho que, não por acaso, “negligencia” seu próprio fundamento, desconsiderando aquilo mesmo que motivou todas as pesquisas sobre o ente, sobretudo o modo de ser do ente que compreende o ser, o *Dasein* enquanto ser-no-mundo, o único ente que “em primeiro lugar” nunca escuta ruídos e complexos acústicos, mas o carro rangendo, a motocicleta, a coluna marchando. A pergunta de Heidegger e também a desse trabalho é: se o *Dasein* é esse ente que está junto ao mundo, que compreende o ser, por que ao investigá-lo salta-se por cima disto? A questão presente no título do trabalho, “Desmundanização?”, se insere nesse ponto: como Heidegger pode classificar de “desmundanizada” uma abordagem do ente que se funda no ser-no-mundo? Em que sentido o mundo falta ou se ausenta nesse privilégio da postura cognitiva frente às coisas? De que modo a tradição filosófica

⁸ *Ser e tempo*, p. 153; G. A., vol. 2, p. 134, [100].

⁹ Nesse sentido, diz Heidegger: “Tanto num mero saber acerca do contexto ontológico de um ente, num ‘mero’ representar-se a si mesmo, num ‘simples’ ‘pensar’ em alguma coisa, como numa apreensão originária, eu estou fora no mundo, junto ao ente” (*Ser e tempo*, p. 109, [62])

desconsiderou o fenômeno do mundo e, nesse sentido, o modo de ser do “ente que nós mesmos somos”, o sentido de ser, se todo o empenho desta tradição está permeado por investigações sobre o sujeito, o ente, o mundo, o ser?

No primeiro capítulo, teceremos rápidas considerações sobre o fenômeno do mundo e sua desmundanização, que servirão de ponto de apoio para o desenvolvimento destes temas ao longo do trabalho. No segundo, exporemos uma interpretação de Heidegger sobre a noção de mundo enquanto natureza em Kant, a fim de deixar mais claro esse modo de enxergar o ente a partir de um privilégio do conhecimento das coisas. No terceiro, exploraremos – através das noções de fuga de si mesmo, decadência e poder-ser, em *Ser e tempo* – o motivo deste “salto por cima” do mundo dado pela ontologia tradicional; e no quarto nos dedicaremos a explorar o sentido da palavra *desmundanização*, depois de já ter percorrido um caminho mostrando que a mesma é sobretudo promovida pela condição de ser-no-mundo do *Dasein*.

Adiantamos que temas “decisivos” presentes na primeira seção de *Ser e tempo* não serão abordados diretamente, por exemplo, a noção de *cura*, o que pode ser desvantajoso e comprometedor para um trabalho que pretende discorrer, mesmo que sob determinado aspecto, sobre a noção de mundo nessa obra de Heidegger. Estou ciente, contudo, que a ausência destas noções no trabalho não o comprometem demasiadamente, já que, como o próprio título da seção de *Ser e tempo* anuncia, trata-se de uma análise preparatória; mesmo abordando todos os temas contidos nessa seção não se poderia atribuir ao trabalho uma auto-suficiência, como se nada lhe faltasse ou que numa empreitada de refazer todos os passos da primeira seção não se desconsiderasse os pontos principais da empreitada heideggeriana. Como o próprio Heidegger diz:

A análise do *Dasein* não é somente incompleta mas também provisória. Ela começa apenas explicitando o ser desse ente, sem interpretar-lhe o sentido. O que lhe compete é liberar o horizonte para a mais originária das interpretações do ser. Uma vez alcançado esse horizonte, a análise preparatória do *Dasein* exige uma retomada em bases ontológicas mais elevadas e autênticas¹⁰

Essa retomada em bases ontológicas mais elevadas e autênticas, a abordagem, através da ótica do tempo, de tudo o que foi investigado na primeira seção, com

¹⁰ *Ser e tempo*, p. 54, [17].

vistas à recolocação da pergunta pelo sentido de ser é o objetivo desta obra fundamental de Heidegger, de *Ser e tempo*. O nosso é demasiadamente mais restrito, contudo não tão distinto, pois visamos através de nosso tema, a desmundanização, nos avizinhar das metas e problemas latentes nessa obra. Investigando essa abordagem do ente sob o privilégio do modo cognitivo de abordagem do mundo, perguntando sobre o motivo deste constante salto por cima dado pela ontologia tradicional, e dedicando-nos a pensar o sentido do termo desmundanização diante de alguns contratempos, pretendemos deixar transparecer o projeto de Heidegger em nossa própria tarefa. Isso a partir de leituras e interpretações básicas da primeira seção da obra. Foi-nos permitido, inclusive, questionar o caráter filosófico do trabalho, como se ele não passasse de um aglomerado de resumos: uma reunião de trivialidades. Trata-se, porém, de um questionamento pertinente ao tema e caráter do trabalho:

Isto ainda é, afinal, filosofia? Se é ou não filosofia, devemos deixar indecído. Nós podemos mesmo admitir que não é ou que ainda não é filosofia. Até porque, não estamos realmente preocupados com o que vamos fazer com a identificação das ditas trivialidades, se com elas devemos ou não devemos penetrar nos mistérios do mundo e do *Dasein*. A única coisa com a qual nos preocupamos aqui é que esta trivial identificação e o que é pretendido nela não nos escape – que talvez devamos trazê-la para mais perto de nós. Talvez, então, a dita trivialidade se transforme em um total enigma.¹¹

¹¹ HEIDEGGER, M. *The basic problems of phenomenology*, p. 57, [79-80].